

# De Paris a Petrolina

FHC - VIAGEM

*Fernando Henrique vai ao Nordeste em nome do social*

BRASÍLIA – De volta a Paris, o presidente Fernando Henrique Cardoso vibrou “*Vive la France*”. Em Londres, jantou com o primeiro-ministro inglês Tony Blair. Cruzou o oceano e, em Washington, solidarizou-se com o presidente americano George W. Bush. Em Nova York, discursou na Organização das Nações Unidas (ONU).

O roteiro de viagens de Fernando Henrique agora perde glamour e ganha caráter social ao entrar em etapa nacional. Depois de acumular milhagem no exterior, FH chega ao Nordeste brasileiro. Hoje o presidente segue para Petrolina, Pernambuco, quase Bahia. Em seguida, estica até Araripe, no sertão cearense.

Mas antes do roteiro interno, Fernando Henrique matou as saudades das viagens para o exterior, inovando: ontem na cerimônia de assinatura de uma série de acordos de cooperação com a Nova Zelândia, resolveu saudar dez integan-

tes da comitiva da primeira ministra Helen Clark, com o *hongi*, gesto ritual no qual duas pessoas que se cumprimentam tocam os narizes. O costume é típico dos *Maori*, uma etnia que representa 16% da população da Nova Zelândia.

No Nordeste não é costume ficar tocando narizes. E, evidentemente, não é para isso que o presidente leva junto Raul Jungmann, ministro do Desenvolvimento Agrário. O pernambucano Jungmann é candidato confesso às eleições de 2002 - provavelmente a uma vaga de deputado federal. Na turnê, ambos anunciam novos mecanismos de emergência criados para combater os efeitos imediatos da seca. O primeiro é o Vale-Comida. Com o projeto, 800 mil famílias do sertão nordestino receberão R\$ 15 mensais para comprar cestas-básicas. O projeto tenta resolver o drama das cestas-básicas governamentais que, despachadas para a região, chegam atrasadas ou em número insuficiente.

Fernando Henrique e Jungmann também anunciam o Seguro-Safra, beneficiando, segundo cálculos do governo, 1,1 milhão de famílias. Trata-se de uma garantia oficial ao pequeno agricultor que apostar em lavoura de subsistência de milho, arroz, feijão ou até algodão em áreas até 10 hectares. Com o seguro, se a seca arrasar a plantação, o agricultor recebe, em seis meses, R\$ 600 como espécie de indenização.

Outros três programas permanentes serão anunciados na viagem. Um para melhorar o abastecimento de água. Outro, meteorológico, para prever o tempo na região com seis meses de antecedência. O terceiro prevê a adoção de tecnologias agrícolas desenvolvidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

O Bolsa-Renda continuará valendo. Há três meses, um milhão de famílias dos municípios em estado de emergência recebem bolsa mensal de R\$ 60.